

Um clássico de nascença faz 50 anos

Zuenir Ventura *

Do que a cultura brasileira produziu no distante ano de 1936 — e não produziu pouco, basta lembrar Angústia, Mar morto, Um lugar ao sol, Usina (ver quadro) — uma das obras mais duradouras são as 140 páginas que um então jovem autodidata, historiador e sociólogo, escreveu aos 34 anos de idade: Raízes do Brasil. “É um clássico de nascença”, não tem dúvida o professor Antônio Cândido, contemporâneo do autor, Sérgio Buarque de Holanda. Foi esse livro e mais dois outros — Casa Grande & Senzala e Formação do Brasil con-

temporâneo — que ensinaram a geração de Antônio Cândido a refletir e a se interessar pelo Brasil. Essa geração, uma das mais brilhantes deste século e que está hoje em torno dos 70 anos, era na época uma geração imprensada: entre o integralismo e o comunismo, entre o sonho de renovação gerado pela Revolução de 30 e o pesadelo que foi o Estado Novo. Cada um à sua maneira, os três livros, surgidos em menos de uma década, abriram a cabeça de uma juventude dominada pela descrença no liberalismo tradicional e a busca de soluções novas à direita e à esquerda. Antônio Cândido se lembra:

— Casa Grande & Senzala (1933), de Gilberto Freyre, foi publicado quando estávamos no ginásio; Raízes do Brasil (1936), de Sérgio Buarque de Holanda, quando estávamos no curso complementar; Formação do Brasil contemporâneo (1942), de Caio Prado Júnior, quando estávamos na escola superior.

Fundamental para a geração de Antônio Cândido, terá tido esse livro a mesma importância para as gerações mais novas como, por exemplo, a de sua filha Laura Mello e Souza, 33 anos, historiadora e professora da USP?

“Raízes do Brasil”, de Sérgio Buarque de Holanda, é um livro que ainda merece ser lido

ADORO o livro — diz Laura. — “Ele é importante, é fundamental, mas não é o melhor. — Para Laura, o livro que fez a cabeça de sua geração é Visão do Paraíso. — “É menos datado. É a partir dele que Sérgio começa a reinventar a história. Visão do Paraíso vai cada vez mais influenciar as próximas gerações.”

Para uma outra geração, porém, a do historiador César Romero Jacob, 41 anos, diretor do Departamento de Comunicação Social da PUC-RJ, Raízes do Brasil foi de fundamental importância, principalmente pela “nova forma de ver o país”. Aliás, os três autores — Sérgio, Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior — e mais um, Roberto Simonsen (História econômica do Brasil), que ele acrescenta à lista, escreveram os quatro livros que, na opinião de Jacob, formam uma espécie de “Semana de Arte Moderna das Ciências Sociais”. Ele acredita que ultimamente essas obras passaram a ter uma atualidade muito grande.

— Nos últimos 20 anos, houve uma volta a esses livros, como se os cânones das décadas de 40 e 50 não pudessem explicar as décadas de 60 e 70. Houve um resgate daquelas novas formas de ver o país.

José Murilo de Carvalho, 47 anos, professor de História Política do IUPERJ e pesquisador da Fundação da Casa de Rui Barbosa, também prefere Visão do Paraíso a Raízes do Brasil.

— Pessoalmente não acho que seja a melhor obra dele. Depois que Sérgio passou a fazer pesquisas e não tanto interpretações gerais, como em Visão do Paraíso, que é mais documentado e ao mesmo tempo mais imaginativo, ele cresceu, tornou-se menos generalizante.

O professor admite, contudo, que numa época em que autores em geral idealizavam o passado oligárquico-rural, como Oliveira Vianna, a importância do primeiro livro de Sérgio Buarque foi a de ter rompido com o passado e apontado para o futuro.

— Ele apontava, por exemplo, o processo de urbanização, que ainda não tinha

nada a ver com a industrialização. Acho mesmo que a conotação política de Raízes do Brasil tenha sido o mais importante aspecto, no sentido de rever o país e de romper com o passado.

De todo modo, qualquer que seja o partido que se tome, invejável destino o de um autor que é capaz de suscitar em gerações futuras uma divergência, não para saber se é bom, mas quanto é melhor.

Raízes do Brasil pode não ser, por consenso, o melhor livro de Sérgio Buarque de Holanda, mas é uma leitura irresistível ainda hoje, mesmo considerando que uma certa ênfase psicologizante aplicada a comportamentos coletivos está sujeita a provocar mal-entendidos, como o provocado pela categoria “brasileiro cordial”.

O livro marca a estréia do autor e de uma visão: uma visão não autoritária da História. Como o título anuncia, Sérgio vai buscar nossos fundamentos, nossas “raízes”, não para cultuá-las, conforme o sau-

dosismo patriarcalista da época, mas para superá-las. O passado, para esse historiador, servia para iluminar os problemas do presente. Ele busca no passado os traços residuais que ajudam a formar o presente. Nos elementos mais remotos vindos da Península Ibérica, por exemplo, ele encontra o tradicional personalismo de onde provêm a frouxidão das instituições e a falta de coesão social. A isso se somam a ausência do princípio de hierarquia e a exaltação do prestígio pessoal com relação



ao privilégio. “A falta de coesão em nossa vida social”, explica ele, “não representa, assim, um fenômeno moderno. E é por isso que erram profundamente aqueles que imaginam na volta à tradição, a certa tradição, a única defesa possível contra nossa desordem.”

Essa frouxidão da estrutura social, aliada à falta de hierarquia e organização, teria sido responsável por alguns episódios importantes da nossa e da história dos povos ibéricos. Os elementos anárquicos, visíveis até hoje no comportamento do brasileiro, frutificaram aqui por causa da indolência ou da cumplicidade das instituições e costumes.

Esses resíduos da colonização são em geral incômodos, mas tão presentes em cada pedaço da nossa evolução histórica que é impossível não tropeçar com eles a todo momento. Sérgio chama a atenção para isso:

“A verdade, por menos sedutora que possa parecer a alguns dos nossos patriotas, é que ainda nos associa à Península Ibérica, a Portugal especialmente, uma tradição longa e viva, bastante viva para nutrir, até hoje, uma alma comum, a despeito de tudo quanto nos separa. Podemos dizer que de lá nos veio a forma atual de nossa cultura; o resto foi matéria que se sujeitou mal ou bem a essa forma.”

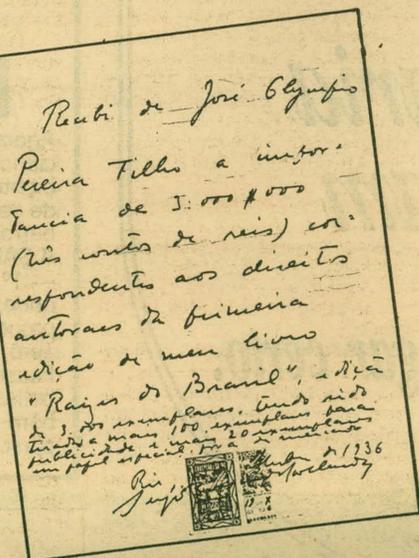
No capítulo “Nossa Revolução”, Sérgio demonstra a necessidade histórica de romper esses laços com a velha sociedade

agrária para inaugurar um “estilo novo”, industrial e urbano, cujo processo foi aberto com a Abolição. Por isso, ele considera 1888 “o momento talvez mais decisivo de todo o nosso desenvolvimento nacional”. No dia em que as estruturas agrárias se desagregaram, cedendo lugar ao “mundo das cidades”, ele prevê o fim das influências ultramarinas de que foram portadores os portugueses.

Ao falar de revolução, ele se lembra de um naturalista americano, Herbert Smith, que, depois de visitar o Brasil em 1885, escreveu: “De uma revolução é talvez o que precisa a América do Sul. Não de uma revolução horizontal, simples remoinho de contendas políticas, que servem para atropelar algumas centenas ou milhares de pessoas menos afortunadas. O mundo está farto de tais movimentos.” O ideal para esse americano era uma “revolução vertical, que trouxesse à tona elementos mais vigorosos, destruindo para sempre os (elementos) velhos e incapazes”. Cento e um anos depois ainda se pede mais ou menos o mesmo.

“Raízes do Brasil é construído sobre uma admirável metodologia dos contrários”, escreveu Antônio Cândido. Mas o maniqueísmo que poderia advir do uso de conceitos polares — rural e urbano, trabalho e aventura, norma impessoal e impulso afetivo — é temperado por um jogo dialético inspirado ostensivamente no princípio hegeliano de que um movimento social já contém o germe de sua negação.

Mesmo o leitor de hoje não percebe que o autor recorreu a cerca de 200 obras para escrever o seu livro de 140 páginas. É com a maior discrição e delicadeza que ele dilui e disfarça a sua extraordinária erudição. As poucas citações — uma das qualidades apontadas por Cândido — entram no texto como se tivessem sido feitas sob medida. Sófocles, por exemplo, quando é chamado, aparece com sua obra-prima para ilustrar a oposição entre família e Estado. “O conflito entre Antígona e Creonte é de todas as épocas e preserva a sua veemência ainda em nossos dias.”



O recibo do que foi pago pela primeira edição: três contos de réis

Na elegância e simplicidade do estilo, na genial capacidade de converter o erudito, Sérgio Buarque de Holanda acaba lembrando o que um certo compositor — aliás, nascido do mesmo tronco de Raízes, mas oito anos depois — iria fazer uns 30 anos mais tarde, ao introduzir, sem que se sentisse, o saber culto no nosso cancionário, cantando as mulheres de Atenas, a tragédia de Medéia e até mesmo a crença do século XVII de que *Ultra aequinoxiale non peccari*, isto é, “Não existe pecado do lado de baixo do Equador/ Vamos fazer um pecado, safado, debaixo do meu cobertor”.

Em matéria de produção de clássicos, pode-se dizer que o pai puxou ao filho — ou vice-versa?

(*) Participaram: Toni Marques e Arthur Dapieve

Parece que foi hoje

CINQUENTA anos depois de lançado, **Raízes do Brasil** contém idéias, opiniões e conceitos que poderiam ser aplicados ao país de hoje — o que demonstra a atualidade do autor, mas também a permanência de traços e problemas que a leitura do livro agora dá a desagradável impressão de parecerem crônicos. Algumas observações de Sérgio Buarque de Holanda:

— A ausência de verdadeiros partidos não é entre nós, como há quem o suponha singelamente, a causa de nossa inadaptação a um regime legitimamente democrático, mas antes um sintoma dessa inadaptação.

— Podemos organizar campanhas, formar facções, armar motins, se preciso for, em torno de uma idéia nobre. Ninguém ignora, porém, que o aparente triunfo de um princípio jamais significou no Brasil — como no resto da América Latina — mais do que o triunfo de um personalismo sobre o outro.

— É freqüente imaginarmos prezar os princípios democráticos e liberais quando, em realidade, lutamos por um personalismo ou contra outro.

— As Constituições feitas para não serem cumpridas, as leis existentes para serem violadas, tudo em proveito de indivíduos e oligarquias são fenômeno corrente em toda a história da América do Sul. É em vão que os políticos imaginam interessar-se mais pelos princípios do que pelos homens: seus próprios atos representam o desmentido flagrante dessa pretensão.

— É curioso notar-se que os movimentos aparentemente reformadores, no Brasil, partiram quase sempre de cima para baixo: foram de inspiração intelectual, se assim se pode dizer, tanto quanto sentimental. Nossa independência, as conquistas liberais que fizemos durante o decurso de nossa evolução política, vieram quase de surpresa; a grande massa do povo recebeu-as com displicência, ou hostilidade.

— Um amor pronunciado pelas formas fixas e pelas leis genéricas, que circunscrevem a realidade complexa e difícil dentro do âmbito dos nossos desejos, é dos aspectos mais constantes e significativos do caráter brasileiro. Essas construções de inteligência representam um repouso para a imaginação, comparável à exigência de regularidade a que o compasso musical convida o corpo do dançarino (...) Tudo quanto dispense qualquer trabalho mental aturado e fatigante, as idéias claras, lúcidas, definitivas, que favorecem uma espécie de atonia da inteligência, parecem-nos constituir a verdadeira essência da sabedoria.

— A ideologia impessoal do liberalismo democrático jamais se naturalizou entre nós. Só assimilamos efetivamente esses princípios até onde coincidiram com a negação pura e simples de uma autoridade incômoda, confirmando nosso instintivo horror às hierarquias e permitindo tratar com familiaridade os governantes. A democracia no Brasil foi sempre um lamentável mal-entendido.

— No trabalho não buscamos senão a própria satisfação, ele tem o seu fim em nós mesmos e não na obra: um *finis operis*, não um *finis operis*.

— As nossas academias diplomam todos os anos centenas de novos bacharéis, que só excepcionalmente farão uso, na vida prática, dos ensinamentos recebidos durante o curso.



Polêmico homem cordial

RAÍZES do Brasil acabou mais conhecido pela polêmica que até hoje provoca um dos seus sete capítulos, o 5º, sobre "O homem cordial". A expressão que serve de título ao capítulo foi tomada de empréstimo ao escritor Ribeiro Couto para resumir as qualidades — "a lhanza no trato, a hospitalidade, a generosidade" — que Sérgio achava que definiam o caráter brasileiro, "na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informandos no meio rural e patriarcal". Sérgio achava que nossa contribuição para a civilização seria de cordialidade: "Daremos ao mundo o "homem cordial".

Saído o livro, o escritor Cassiano Ricardo escreveu um artigo criticando o uso da expressão: "Cordial", alegava ele, "é mais próprio para cordiais saudações, que são fechos de cartas tanto amáveis como agressivas, simples fórmula, não do coração mas do hábito." Ricardo achava que "a bondade, ao invés da cordialidade, é a nossa contribuição ao mundo".

A polêmica estimulou Cassiano Ricardo a escrever um livro, chamado justamente de **O homem cordial**, e Sérgio Buarque a escrever uma nota (acrescentada à segunda edição) e uma carta ao seu contendor explicando o uso da palavra cordial, tomada por ele no seu sentido etimológico e eliminando "os juízos éticos e as intenções apologéticas". Ele não queria que o termo abrangesse, "apenas e obrigatoriamente", sentimentos positivos e de concórdia. "A inimizade bem pode ser tão cordial como a amizade, nisto que uma e outra nascem do coração, procedem, assim, da esfera do íntimo, do familiar, do privado".

Na carta endereçada a Cassiano Ricardo e publica-

da na revista **Colégio** n° 3, de 1948, Sérgio Buarque traz mais elementos para essa polêmica — elegante e de alto nível, diga-se — ao afirmar que não acreditava muito "na tal bondade fundamental dos brasileiros. Não pretendo que sejamos melhores, ou piores, do que outros povos".

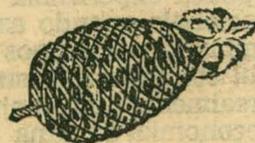
A carta termina ressaltando a relatividade do conceito, associado às condições de nossa vida rural e colonial, que já na época estavam sendo superadas. "O homem cordial", anunciava Sérgio, "se acha fadado provavelmente a desaparecer, onde ainda não desapareceu de todo. E às vezes receio sinceramente que já tenha gasto muita cera com esse pobre defunto."

Mais de 30 anos depois, Sérgio confessou em uma entrevista que não voltaria a usar a mesma expressão, por causa dos mal-entendidos. Um exemplo bem humorado disso ocorreu na Itália quando assistia ao filme **O cangaceiro**, de Lima Barreto, e um amigo ironizou:

— É esse o homem cordial?

— A expressão era ambígua — admitiu Sérgio, pouco antes de morrer em 1982.

De fato, por mais que o autor insistisse no sentido etimológico da palavra cordial — que na sua origem latina tem a ver com coração — a sua carga semântica levou-a ao longo da história a se aproximar do significado mais corrente hoje — afetuoso, afável — virtudes que o brasileiro, rural ou urbano, cada vez mais deixa de ostentar.



Ano de caça às bruxas

O ano de 1936, espremido entre a Intentona Comunista em fins de 35, e o golpe do Estado Novo, em 37, foi um ano de caça às bruxas. Com 40 milhões de habitantes, 39 mil unidades escolares, 200 para o ensino superior e com uma dívida externa em torno de 7 milhões de libras esterlinas (cada libra valendo 73 réis), o país assistia às prisões em massa de intelectuais, artistas, militares, jornalistas e funcionários públicos acusados de pertencer à Aliança Nacional Libertadora. Curiosamente, ao mesmo tempo, o então ministro da Educação, Gustavo Capanema, cooptava personalidades como Mário de Andrade, Portinari, Lúcio Costa, Drummond e Afonso Arinos. Enquanto isso, Graciliano Ramos era preso e levado para os porões do navio **Pedro I**, no Rio, em que estava Aparício Torelly, o Barão de Itararé.

A partir do dia 10 de janeiro as perseguições passaram a ocorrer oficialmente. Neste dia, Vicente Rao, ministro da Justiça, instalou a Comissão de Repressão ao Comunismo, que levou ao Tribunal de Segurança Nacional 1420 pessoas para julgamentos sumários. A imprensa estampava fotos dos "perigosos comunistas" e demais membros da ANL. Nem mesmo o prefeito da Capital Federal, Pedro Ernesto, um liberal, escapou da prisão. Foi incluído na relação de subversivos da ANL, liderados por outro cidadão, também preso em 36, Luís Carlos Prestes. E até a musa dos modernistas de 22, Patrícia Galvão, a Pagu, militante comunista e jornalista de profissão, foi presa neste ano.

Os estrangeiros também não escaparam: Rodolfo Ghioldi, secretário do Partido Comunista argentino, foi mandado para o cárcere, onde morreu, ao lado de Victor Allan Barron, americano que ajudara Prestes a se esconder da polícia de Getúlio. Ele morreu na sede da Polícia Central, no Rio.

Do outro lado do terror, o Brasil via o primeiro samba considerado "de breque" nascer: **Jogo proibido**, na voz de Moreira da Silva. Já **Pierrô apaixonado**, de Noel Rosa e Heitor dos Prazeres, era o grande hit do carnaval, e a campeã do desfile carioca de fevereiro foi a Unidos da Tijuca. Ainda no samba, a Cinédia lançava **Alô, Alô, Carnaval**, estrelado por Francisco Alves e as irmãs Aurora e Carmem Miranda. A música brasileira, por sinal, ganhava, a 12 de setembro, o que viria a ser seu maior veículo de divulgação: a Rádio Nacional.

Mas o que talvez de mais significativo surgiu em 36, além da criação da abreugrafia e da fundação do Instituto Nacional de Cinema Educativo, por Manuel de Abreu e Roquette Pinto, foi a guinada da literatura em direção a temas caros ao Modernismo, filho dos salões aristocráticos remanescentes da República Velha. Com **Angústia**, de Graciliano Ramos, **Usina**, de José Lins do Rego, **Mar morto**, de Jorge Amado, e **Um lugar ao Sol**, de Érico Veríssimo, a ficção brasileira se colocava distante do cosmopolitismo, da urbanidade feérica, das máquinas maravilhosas e seus artistas enaltecidos. A literatura ganhava contornos de denúncia das condições de vida das massas anônimas trabalhadoras. Se Pagu já o fizera com seu **Parque industrial**, de 33, e Jorge Amado, também, em seus primeiros romances, a situação agora, em 36, exigia dos escritores armas que, se não combatessem, pelo menos não ignorassem a miséria social e ética que avassalava o Brasil.

Zuenir Ventura

S84
Hp 85 P

Raízes

UM livro que pretende analisar o Brasil, um país movediço, pode ter validade ou interesse, não apenas arqueológico, 50 anos depois? **Raízes do Brasil**, de Sérgio Buarque de Holanda, é um desses casos raros. Ao completar meio século e 18 edições — com a que a José Olympio lançará este mês —, a primeira produção de um dos nossos melhores historiadores ainda suscita polémica por alguns de seus conceitos — o de “homem cordial”, principalmente —, mas também surpreende pela atualidade de muitas de suas observações. É como se tivesse falando do Brasil de hoje. (Pág. 6).



Jornal do Brasil
Ideias
01. 11. 86